TERRA TAMBÉM É PARA CRIANÇA

Simonne Pegoraro [1]

"Bincá, aqui peto ", é o convite que Manuela, minha sobrinha de um ano e 11 meses de idade, me faz enquanto com sua pequena mão me puxa para baixo para que eu sente com ela na Terra e aí brincarmos com as pedras. Não há tempo preestabelecido. Ela quer "peto", que na sua linguagem de quem começa a falar é perto.

Com o gesto da Manuela, me recordo do tempo de criança. Brincávamos eu e meus irmãos e irmãs, sentados e sentadas no chão da roça enquanto nossa mãe e nosso pai plantavam a roça, podavam os parreiras ou colhiam as uvas. Mamãe sempre conta que ainda bebes íamos junto para a roça e ficávamos no sestão (sesta grande feita artesalmente com vime utilizado transportar os frutos da roça: milho, feijão, pasto para os animais). Esse era o costume: as esposas mães acompanhavam o marido junto com toda a família na roça, incluindo as crianças. Foi assim que aprendemos a gostar da Terra.

Foi esse o convite que a pequena Guarani Mbya me fez, sem palavras, sentar no chão. Uma terra seca e dura à beira da BR 290, km 298-RS no acampamento Irapua. Brincamos com a Terra e gravetos. O Irapua faz parte da estratégia do povo Guarani Mbya do Rio Grande do Sul de retomada de seu território ancestral, na época da visita não havia água potável e o pequeno roçado havia sido destruído pelos donos da fazenda. A roça foi replantada e, com a colaboração de algumas pessoas o acampamento Irapua tem água potável, mas, continua à margem da BR aguardando a liberação da demarcação da área.

Na breve visita à Vila de Moma no país africano de Moçambique, foi sentada na Terra que brinquei com as crianças. Ao clarear do dia as mães moçambicanas já estão na beira da estrada a caminho de suas maxambas (roçados), acompanhadas de suas crianças. Em Moçambique, também, encontramos o Centro de Refugiados de Maratane com cerca de 12 mil refugiados de diferentes nacionalidades são na sua maioria oriundos de países africanos onde se registam conflitos político-militares como a República Democrática do Congo, Burundi, Ruanda, Somália e Etiópia. Como em outras partes do mundo, grande parte dos refugiados e refugiadas são crianças.

Para brincar com as crianças é preciso estar perto. É preciso nos abaixarmos, sentarmos na terra, pegar a terra, as pedras na mão. A Terra é conexão. É acolhimento. É comunhão, como diz Manoel de Barros em sua poesia:

[1] Missionária Indigenista do Conselho Indígena Missionário atuando no Vale do Javari- AM, natural do Rio Grande do Sul, Licenciada em Artes, cursando Especialização em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

> "Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. " (Memórias Inventadas – A terceira infância, São Paulo: Editora Planeta, 2008).

Essa proximidade e ligação com a Terra ainda encontramos nas comunidades rurais, sobretudo nas comunidades e povos tradicionais. E me sinto feliz de poder ter vivenciado essas experiências, ainda criança. Hoje mesmo no campo muito se perdeu desses costumes. Já existem até creches no interior. E as crianças não mais acompanham suas famílias nas atividades diárias. Muitas escolas no campo foram fechadas, o que poderia ser uma garantia de uma educação específica e diferenciada que leve em conta a realidade local e o contexto, acaba sendo mais uma agressão às crianças.

Nas comunidades indígenas, as crianças estão o tempo todo com suas mães e pais, ou avós e avôs. No roçado, no rio, na casa, fazendo artesanato, nas festas. É nesse estar junto que eles vão aprendendo da Terra, dos rios, dos peixes, da floresta, do dia e da noite. Estando junto que a língua vai sendo ensinada e repassada. As tradições, cantos, danças, o jeito de fazer o cesto, o colar, de cozinhar, de caçar, pescar. Nós vamos encontrar as crianças indígenas em todos os espaças da comunidade e também fora dela.

Em encontros, reuniões. Quando uma liderança indígena, seja mulher ou homem, for convidada para uma reunião por exemplo, da reunião irá participar toda a família. Mulheres e crianças estão o tempo todo no ambiente da reunião e farão suas manifestações quando solicitadas ou quando o espaço de fala for delas. Todo o espaço é espaço de aprendizagem para os povos indígenas, inclusive de aprendizagem política, de estratégia e resistência. É espaço de relação, espaço de comunidade. Por isso vamos encontrar as crianças indígenas junto de suas mães e pais em espaços de articulação nacional, como por exemplo no acampamento Terra Livre, o maior encontro de articulação de povos indígenas do Brasil.

Para o povo kaingang, "toda aldeia se empenha na proteção das crianças, elas são o nosso futuro", diz uma das participantes do Acampamento Terra Livre numa relação de cuidado integral com a criança inclusive em relação aos direitos.

"Muitos não entendem por que levamos nossos filhos pequenos e nos questionam por que não os deixamos em casa, mas isso é não entender a realidade dos povos indígenas", explica Mariana Yumbay, liderança indígena equatoriana em entrevista a BBC News. Ela ressalta que a

mãe indígena tem uma relação muito íntima com seu bebê: deixar a criança em uma creche não faz parte da visão de mundo de seu povo — não há o costume de confiar a outra pessoa os cuidados com a criança — e que não há como dizer a uma pessoa "para olhar o bebê até que eu volte da marcha".

Participar nessas marchas com toda a família também é algo relacionado ao senso de comunidade dos índios. "Por que eles vêm com seus filhos? Por ser uma resistência comunitária, vem a mãe, avô, avó, vêm todos.", diz Adriana Rodríguez, professora de direito da Universidade Andina e especialista em direitos humanos dos povos indígenas.

No MST, por exemplo, as crianças estão presentes desde o princípio, desde o primeiro acampamento em 1985. E lutam desde a busca pelo direito a educação, até a questão da terra, porque a terra não é só pra família, pros pais dela, mas a terra é um patrimônio que os pais vão conquistando na luta e sempre na luta, que a criança faz parte desse momento, junto com a família, com a comunidade, diz Maria Isabel Grein do setor de educação do Movimento.

Na comunidade Aldeinha- Terra Indígena Tumiã, município de Lábrea, são as crianças que nos levam para um passeio na mata e nos roçados. Tão ágeis são seus pezinhos descalços sobre a terra e sobre os troncos caídos que fazem de ponte em pequenos sangradouros. Aqui, em especial, as crianças não falam português. Elas vão nos dizendo o nome das plantas e frutas que colhem e comem no caminho. Nos presenteiam com vagens de ingá. Na água, elas parecem pequenos peixes, tamanha sua habilidade e relação com a água. A correnteza as leva como se fossem pequenas folhas no igarapé. É um saber fora dos livros e dos bancos escolares. Aprende- se "com as abelhas do que com os aeroplanos. É um olhar para baixo que eu nasci tendo. É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo."(BARROS, Manoel de, Poesia Completa. Ed. Leya. 2010)

A criança é um sujeito sociocultural e como tal a criança é sujeito de direitos. A afirmação de sua identidade, de quem ela é e da memória histórica e ancestral, no caso das crianças indígenas e camponesas, está ligado à Terra e as suas relações com o espaço onde está e vive, e convive.

O povo Tüküna (kanamari) que vive na Terra Indígena Vale do Javari – AM diz que o índio é a própria Terra. É da Terra que vivemos, que brincamos. Que a floresta é como uma pessoa, tem vida, tem espírito. O acesso a Terra e ao território é a garantia da existência e da expressão dessa existência, inclusive para as crianças. Sem Terra, dizem as lideranças indígenas, não há como se auto sustentar, não há saúde para as crianças, não há como plantar, não há mato para tirar remédios para a cura de enfermidades, não há espaço para o sagrado.

O espaço para o ser é referenciado no território, que é visto como fonte de vida e como fonte de riqueza. É no território que se estabelecem a relação entre terra e os sujeitos, no entendimento que o espaço para o ser, como fonte de vida, não apenas inclui a existência de seres senão a existência de tudo o que está contemplado nesse território. Do usufruto exclusivo depende o ser de cada povo indígena.

Cabe a eles as riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes como direito mínimo de salvaguardar suas culturas e identidade no contexto das sociedades que integram, se assim desejarem, com o prevê a convenção 169 da OIT ratificada pelo Brasil em 2002.

A paralização das demarcações das terras indígenas e a falta de proteção a elas abrem caminho para a exploração predatória e a consequente violência contra os povos, onde mulheres e crianças são as que mais sofrem. Mesmo as crianças se tornam vítimas fatais da violência histórica contra os povos originários do Brasil. E para tal estão junto com seus familiares na luta pela efetivação de seus direitos.

Em seu Relatório Violências Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2017 o CIMI ao informar que no Mato Grosso do Sul ocorreram a maioria dos assassinatos nas reservas de Dourados e Amambai e que a maioria das vítimas era jovem, entre 10 e 30 anos, alerta que há muitos anos indigenistas, antropólogos e profissionais da saúde veem alertando para os problemas decorrentes do confinamento populacional nas reservas de Dourados e Amambai, no Mato Grosso do Sul, onde a situação é de absoluta desagregação. A concentração das famílias em pequenas porções de terras retira qualquer perspectiva de futuro dos indígenas, tendo em vista que para os Guarani-Kaiowá, por exemplo, a terra é a esperança de vida nova e vida boa. Sem ela as relações culturais, sociais, religiosas e interpessoais acabam sendo tensionadas.

Observando fotos de crianças indígenas, do Acampamento Terra Livre, deitadas no asfalto quente me pergunto: como posso brincar no asfalto? Asfalto não abraça, não acolhe. Não se consegue pegar com a mão. Lembrando a pequena Guarani Mbya a beira da BR 290 que tem sua infância condicionada a alguns metros de terra dura e seca, como pode ser se o que tem entre suas pequenas mãos é apenas poeira? E das crianças desterritoriadas que vivem em condições desumanas nos campos de refugiados que fogem das guerras e das catástrofes climáticas? Como ser criança, se não tenho um espaço onde assentar a vida? As crianças desde pequenas já estão na luta pela garantia do seu direito a Terra (para brincar).

É essa criança que nos pega pela mão e diz senta aqui perto. Vem ver onde estou, quem eu sou. É essa criança que nos pede para olharmos elas, as crianças, de perto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AUTONOMIAS TERRITORIALES: Experiencias y Desafios, G. Tobón y J.G. Ferro, compiladores. Bogotá: Universidad Javeriana, observatorio de territorios étnicos. Editorial Pontifica Universidad Javeriana. mayo de 2012, Bogotá.

LISPECTOR, Clarice. A mulher que matou os peixes; ilustrações de Carlos Scliar. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Profecia Cotidiana e a Religião sem Nome: religiosidade popular na Bíblia. Fonte editorial – CEBI, São Paulo. 2014.

Relatório Violências Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2017. Conselho Indigenista Missionário – CIMI